

A ATUAÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL, SUAS CONCEPÇÕES E AÇÕES SOBRE DESENVOLVIMENTO HUMANO

MÁRCIO LUIZ BRAGHIM,
IRINEU ALIPRANDO TUIM VIOTTO FILHO
Unesp - Presidente Prudente - São Paulo – Brasil
braghim_ml@hotmail.com; tuimviotto@gmail.com.

Esse trabalho de pesquisa teve seu início no ano letivo de 2008, finalizou-se no mês de outubro deste ano e foi realizado junto a uma Escola Municipal de Educação Infantil de Presidente Prudente, com o intuito de identificar as concepções de educação e desenvolvimento humano presentes na fala dos professores e compreender seu significado, tendo em vista a importância dessas categorias e de uma compreensão adequada das mesmas, para a construção de um trabalho educativo qualitativamente na Educação Infantil. Pesquisar, refletir e discutir acerca da compreensão de educação e desenvolvimento humano implica, por parte do pesquisador, um olhar cuidadoso das relações presentes na escola e, nesse sentido, um olhar rigoroso das relações que os professores estabelecem com seus alunos, pois aí se encontram muitos elementos da sua prática, da sua atuação, que possibilitarão a identificação da relação teoria-prática presente na sua atuação profissional. A finalidade desta pesquisa se justifica, pois, sabe-se que visões e compreensões inadequadas sobre educação e desenvolvimento humano, normalmente, respaldadas no senso comum ou em visões acientíficas, podem levar os professores a realizar ações educativas incoerentes com o processo de desenvolvimento das crianças na escola, apesar do empenho e da boa vontade de muitos deles na construção de sua atuação na escola. Outra finalidade importante é a defesa da superação de concepções e métodos científicos também identificados na fala e na ação dos professores de Educação Infantil, que se limitam a identificar e descrever os conteúdos mais imediatos e superficiais dos fenômenos que se apresentam na escola. A Perspectiva Histórico-cultural assume nessa pesquisa a responsabilidade de respaldar a análise das concepções presentes na fala dos professores e, além disso, se propõe a oferecer caminhos teórico-filosóficos importantes para se pensar na construção de uma compreensão mais abrangente acerca de homem e de sociedade, na busca da valorização do trabalho educativo como fundamental no processo de construção da humanização nos homens. Além disso, é importante enfatizar que as possibilidades de apropriação da dialética, presente na perspectiva histórico-cultural, como base para uma compreensão do homem e da sociedade em seu contínuo processo de transformação, contribui para uma leitura mais ampla acerca dos fenômenos educacionais, considerando as suas múltiplas determinações e engendrando ações de caráter transformador no interior da escola, desde as relações sociais, até os conteúdos e metodologias de ensino na escola trabalhados. A metodologia de pesquisa constituiu-se da seguinte forma: Os sujeitos da pesquisa são 10 Professores de uma escola de educação infantil da cidade de Presidente Prudente/SP, dos quais 3 possuem formação superior completo, 2 superior incompleto e 5 magistério. Inicialmente foram realizadas observações sistemáticas na escola (em sala de aula, quadras e pátio), bem como em reuniões mensais de trabalho pedagógico dos professores e, num segundo momento, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com os professores para ampliar a coleta de dados. Após o término das entrevistas semi-estruturadas, iniciou-se o trabalho de transcrição das mesmas. Com a transcrição das entrevistas em mãos, realizou-se a tabulação dos dados e a partir da tabulação houve a categorização dos dados. No decorrer do processo de pesquisa e ao final de cada momento de coleta de dados os resultados foram apresentados e discutidos na escola e os conteúdos resultantes das coletas de dados tornaram-se objeto de discussão nas reuniões pedagógicas (HTPC) e esse processo ainda se mantém na escola. Acredita-se que através dessa estratégia de se realizar a pesquisa e se estabelecer interlocução ativa com os sujeitos, discutindo e construindo novas possibilidades, concepções e ações na escola, consegue-se

criar condições objetivas de identificação de dificuldades e construção coletiva de novas concepções e ações pedagógicas no interior da escola, superando-se a tradicional pesquisa de caráter qualitativo e descritivo que coleta dados, descreve os fenômenos e pouco ou nada se compromete com a transformação efetiva daquela realidade. Ao buscar respaldo na perspectiva Histórico-cultural se torna possível uma compreensão mais ampla, em movimento e dialética, tanto da fala, quanto das ações dos professores na escola. Nessa direção, reconhece-se a linguagem num processo estreitamente relacionado com as ações e vice-versa e admite-se a atividade como elemento central no processo de constituição dos seres humanos. Como afirma Leontiev (1978) é na atividade que podemos encontrar a essência genérica dos seres humanos, ou seja, a atividade possibilita que os indivíduos construam sua maneira de ser, pensar, falar e agir em sociedade. Se reconhecermos que é na atividade que o sujeito se constrói e essa atividade determina a condição humana, como afirma Leontiev (1978) poderemos, ao analisar as falas dos professores de educação infantil, relacioná-las à suas ações e entender esse sujeito (o professor) como síntese de inúmeras determinações de caráter teórico e prático e, sobretudo, considerando sua atividade ao desempenhar suas funções de professor de educação infantil, sua escola, suas relações com a direção, coordenação, estudantes, pais e familiares, dentre outras relações e ações que permeiam sua vida como professor. Ao se aproximar da realidade concreta do professor e procurar conhecê-lo nas suas múltiplas determinações e considerando as atividades que os mesmos realizam na escola, haverá a possibilidade, a partir desse conhecimento e compreensão, de se discutir novas possibilidades para uma transformação qualitativa da sua atividade que engendrará a transformação qualitativa dos pensamentos, consciência e ações na escola. Obviamente que não se espera que tais transformações ocorram de forma imediata na vida dos professores, no entanto, acredita-se que a partir da construção de novas possibilidades teórico-práticas, novas ações construídas coletivamente na escola e com a participação ativa dos professores, poder-se-á pensar em transformações qualitativas da sua prática educativa e se alimentar um processo dialético e contínuo de transformação no interior da escola. Segundo Leontiev (1978) as relações sociais, os conhecimentos e experiências em sociedade são imprescindíveis no processo de constituição dos seres humanos e compreende-se que todas as aptidões humanas de caráter subjetivo, dentre elas a fala, os pensamentos, a consciência, entre outras, não são transmitidas aos seres humanos por hereditariedade biológica, mas sim, que as mesmas são adquiridas ao longo do processo de vida dos sujeitos, pela via da apropriação da cultura criada pela humanidade. Ao procurar respaldo na abordagem Histórico-cultural de homem e de sociedade, entende-se o quanto às concepções de educação e de desenvolvimento infantil presentes na fala e nas ações da maioria dos professores, sempre estiveram permeadas por concepções de senso comum e ações pragmáticas, que naturalizam a compreensão do ser humano, da escola e da educação. Identifica-se que decorrente dessa compreensão o trabalho educativo de caráter crítico e humanizador tem sido comprometido e, de certa forma, negligenciado, tornando a atividade do professor de Educação Infantil um mero “que fazer” de característica afetivo-assistencialista como pode ser comprovado ao se perguntar “o que é ser professor de educação infantil?” onde aproximadamente 29% das respostas caracterizaram-se como Cuidado (assistencialista) e 38% Amar/compreender (afetividade) enquanto 23% concentraram-se na classe Processo de ensino/aprendizagem que garantiria a apropriação dos conhecimentos fundamentais da ciência, das artes e de outros conhecimentos formais que viabilizam o pleno desenvolvimento das crianças na escola. Diante dessa realidade e presente na vida escolar da maioria dos professores, pode-se concluir que a prática educativa na escola de Educação Infantil tornou-se uma ação de caráter assistencialista e que garante os cuidados básicos à manutenção da integridade física e de ocupação do tempo das crianças na escola, perdendo, de certa forma, seu caráter educativo em direção à formação do sujeito consciente, crítico e preparado para realizar análises coerentes do mundo à sua volta, como afirmam Arce e Martins (2007). É importante salientar também que mesmo a formação acadêmica dos professores de Educação Infantil tem sido permeada por concepções

e práticas tanto pedagógicas quanto de desenvolvimento humano, que pouco favorecem uma compreensão mais crítica da realidade humana, educacional e social. Pode-se depreender que isso decorre de uma formação profissional aligeirada desde as suas bases e pela má qualidade da maioria dos cursos de formação de professores em nosso país. Pode-se afirmar que os profissionais da educação, ao longo das últimas décadas em nosso país, têm sido submetidos a processos e propostas educativas que defendem interesses circunstanciais, decorrentes de políticas públicas educacionais voltadas à manutenção dos privilégios das minorias, negligenciando as necessidades educativas e formativas da maioria da população, fato que se configura pelo verdadeiro esfacelamento das escolas públicas dos mais variados níveis de ensino no país. A formação acadêmica dos professores de Educação Infantil tem sido permeada por concepções e práticas, tanto pedagógicas quanto de desenvolvimento humano, que pouco favorecem uma compreensão mais crítica da realidade humana, educacional e social, pode-se depreender que isso decorre de uma formação profissional aligeirada desde as suas bases e pela má qualidade da maioria dos cursos de formação de professores em nosso país. Segundo Pimenta (2005) a formação do educador tem sido comprometida em decorrência da não preocupação com a formação didático-pedagógica do professor que atua nos cursos de formação de professores. Nesse cenário, identifica-se também que muitas das teorias educacionais oferecidas aos professores em formação difundem concepções de desenvolvimento humano numa perspectiva liberal de homem, que consideram o ser humano se desenvolvendo a parte da sociedade, como se fosse um sujeito isolado e se constituindo espontânea e naturalmente, como também comprovada ao questionar aos professores “o que é ser criança?”, onde aproximadamente 79% das respostas caracterizaram-se como naturalizantes e 16% como Social (sócio-histórica). Tais concepções de caráter científico, e presentes na formação dos professores, constituem-se a partir de uma compreensão em si do ser humano em que o mesmo é visto apartado da sociedade. Decorrentes dessa realidade, tais visões não conseguem atingir e compreender o ser humano e a educação na sua totalidade, limitando-se a identificar e admitir apenas algumas características, as mais superficiais acerca dos fenômenos humanos, educacionais e sociais, fragmentando-os e tornando sua compreensão bastante simplista e porque não dizer, limitada. Numa leitura mais aprofundada dessa questão, poderíamos dizer que as concepções e suas respectivas práticas na escola ao se limitarem a visões naturalizantes e abstratas dos seres humanos, pois não conseguem chegar à verdadeira realidade dos estudantes e, nesse sentido, tornam-se ideológicas, pois acabam por encobrir a realidade concreta do ser humano, da educação e da sociedade (CHAUÍ, 2001). Tais elementos são identificados nas falas dos professores quando os mesmos afirmam que bom aluno é “aquele que é ativo” e ao observar-se sua prática, identifica-se que o aluno ativo e questionador, irrequieto, é visto, no entanto, como um aluno “problema”. Também se identifica essa visão ideologizada do aluno, quando as respostas dos sujeitos à questão “aluno inteligente é aquele que...” expressam que inteligente é o aluno “que erra constantemente”, “que é arteiro (não para)”, “que faz coisas interessantes e está sempre inovando”, “que se expressa de diversas maneiras”; no entanto, também se verifica na prática em sala de aula, o quanto tais manifestações não são garantidas, prevalecendo as práticas em que os alunos precisam se adaptar ao regime definido pelo próprio professor, contrariando, portanto, a fala acima que valoriza a ação, a atividade, a inovação, a criação. Apesar do alto índice de categorias relacionadas a construção de valores enquanto ao ato de educar, no qual das seis perguntas que continham alguma categoria relacionada a valores (ou a construção de valores), em quatro delas tal categoria foi a mais indicada, fato que denota na fala dos sujeitos, uma visão valorativa relacionada aos elementos da convivência cotidiana e de adaptação ao contexto social, visão esta destituída de um crivo axiológico ético-político e crítico sobre as relação entre os homens e dos homens para com a natureza e a sociedade. Na fala da maioria dos sujeitos “passar valores” denota uma preocupação com a educação das crianças como um processo de extensão da educação familiar, valorativa que cada professor teve em sua vida particular, restringindo assim, a ação docente a “passar valores próprios da família”, valores

próprios do cotidiano dos professores e estreitamente relacionado à sua moral particular, de seus hábitos, costumes e valores, deixando para segundo plano o ato de “transmitir conhecimento, conhecimentos científicos, filosóficos, políticos, etc., tornando assim, a função do professor uma ação muito mais familiar, assistencialista, do que uma ação política e de caráter científico. É importante salientar que não se quer desprezar os valores particulares, a moralidade dos professores como fator importante do processo educativo, no entanto é importante enfatizar que o ato de educar não deve se restringir ao ato de transmitir valores pessoais, próprios da experiência particular de cada professor aos alunos. A construção e transmissão de valores na escola segundo Oliveira (1996), deve envolver uma reflexão ético-axiológica, considerando as multideterminações humanas e sociais, e principalmente não ser respaldada no senso comum, no conservadorismo e no moralismo, mas sim, construída numa perspectiva crítica, comunitária, de valores ético-universais. Com relação às atividades realizadas na escola pelo professor e que o mesmo considera importante, a mais citada foi a “leitura” e em seguida vieram o “brincar”, o “desenho”, os “jogos”, “momento cívico” e a “roda de conversa”. A importância da “leitura” segundo os professores que a citaram é estimular a atenção e propiciar o conhecimento de palavras e símbolos. Ainda, segundo os professores sujeitos da pesquisa o “brincar” tem sua importância em deixar a criança livre para que ela viva seu mundo; através do “desenho” é possível a percepção dos sentimentos e representações da criança; os “jogos” são importantes para o desenvolvimento da atenção; a “roda de conversa” para o planejamento e combinações e o “momento cívico” tem seu papel no resgate do patriotismo e respeito à pátria. Atividades estas que realmente tem importância no desenvolvimento crianças, mas conforme as observações, poderiam ser melhor aproveitadas pelos professores na estimulação e exercício do desejo de expressão das crianças. Com relação a atividade de leitura na escola, Mello (2006) faz considerações importantes pois afirma que pedir para que as crianças recontem a história contada pelo professor, estimula e exercita o desejo de expressão das crianças. Também se estimula e exercita-se o desejo da criança ao se incitar sua observação, ao se solicitar sua opinião sobre os problemas surgidos na turma, ao avaliar o dia vivido na escola junto com todo o grupo, ou quando o professor chama a atenção da criança para o estabelecimento das regras e dos combinados, para a organização da rotina e do plano do dia. Também se promove a criança quando é destinado um tempo de atividade livre para as mesmas de modo que elas escolham entre as possibilidades existentes na sala de ou na escola, dentre outras atividades que estimulem a atividade consciente da criança na escola e na sala de aula. Ainda segundo a autora, ao permitir que a criança exercite seu papel de protagonista no seu processo de aprender e se tornar um cidadão, o que implica em dar-lhe voz, tratá-la como alguém que é sujeito. Em primeiro lugar, deve-se permitir que a criança forme uma imagem positiva de si mesma, condição emocional fundamental para aprender qualquer coisa, pois a criança ao trazer sua história para a escola, ao formular e expressar opiniões, ao propor soluções para os problemas vividos, ao expressar suas idéias, angústias e sentimentos, a criança deixa de ser um anônimo e passa a ser alguém que tem uma identidade no grupo. Em segundo lugar, possibilitar que a criança se sinta parte da escola, sendo esta sensação de pertencimento um correlato essencial da disciplina – cuja primeira causa é o sentimento de exclusão, e não a pobreza ou a desagregação da família tradicional, como muitos pensam. E em terceiro lugar, esse envolvimento da criança na vida da escola promove sua expressão oral que é a condição essencial para o desenvolvimento da inteligência (MELLO, 2006, p. 190/191). Muito preocupante torna-se a situação de aprendizagem nas escolas de educação infantil que coloca em segundo plano o acesso e apropriação dos conhecimentos científicos para as crianças, em decorrência da compreensão de que criança precisa amadurecer para poder aprender, limitando a visão a um certo maturacionismo biologizante na educação infantil. E que em lugar de professor preparado cientificamente para a construção de um ensino de qualidade para as crianças na Educação Infantil, que valorize a transmissão e apropriação do saber construído pela humanidade, identifica-se concepções de senso comum e acientíficas ou científicas e superficialistas, que acabam por admitir um

professor esvaziado do saber e da cultura construída pela humanidade e, permitem a ação de um professor “do fazer”, do “deixar fazer” ou, ainda, do fazer assistencialista e cuidador que apenas idealiza de forma ingênua os seres humanos e a escola e que, decorrente disso, pouco contribui para a necessária transformação do ambiente escolar e da escola como um todo na sociedade brasileira. Essas concepções, portanto, destituem o professor de sua tarefa de socializar e transmitir conhecimentos teóricos e práticos que são fundamentais para o desenvolvimento dos indivíduos na escola (OLIVEIRA e DUARTE, 1987). Assim a função do educador, reconhecido como um intelectual preparado, técnica e politicamente, para assumir seu papel na transformação do homem e da sociedade, fica evidentemente aligeirado, principalmente na Educação Infantil, em que o professor, esvaziado de seu papel de educador, limita-se às situações do fazer cotidiano e circunstancial da escola. Finalizando, essa pesquisa assume categoricamente a defesa do saber, do conhecimento historicamente acumulado e sistematizado como elementos imprescindíveis no processo de desenvolvimento das crianças na escola de educação infantil, para que se possa trabalhar na superação da secundarização da escola em nossa sociedade, a qual tem sido transformada, segundo Saviani (2000, p.115), numa “[...] agência de assistência social, destinada a atenuar as contradições da sociedade capitalista”. É, portanto, em busca da valorização da escola, sobretudo da escola pública de Educação Infantil que se caminha, considerando a instituição escolar como espaço de pleno desenvolvimento dos seres humanos, a partir da construção de um trabalho educativo de qualidade que garanta a socialização, transmissão e apropriação do saber, como possibilidade necessária ao processo de humanização dos seres humanos e tanto a escola como os professores são fundamentais para a consecução desse objetivo. Com relação aos resultados obtidos a partir das observações, identifica-se que a prática dos professores, seja em sala de aula, na quadra ou em espaços livres da escola, tem se configurado como uma forma de assistencialismo e, obviamente, esses elementos encontram-se presentes na fala dos professores. Os mesmos afirmam a importância de sua ação com objetivo de garantir a segurança, a recreação, o gasto de energia física e a ocupação do tempo das crianças, assim como são também responsáveis pela integridade física dos alunos. Tais fatos e concepções distanciam a ação docente da direção de possibilitar às crianças um processo de ensino voltado para a socialização de conhecimentos científicos, de apropriação do saber. No que se refere aos dados coletados das observações das reuniões pedagógicas, identifica-se que os professores apresentam em sua fala conteúdos relacionados à importância do cuidado e do carinho com que devem tratar seus alunos, sem, no entanto, valorizarem seu papel como detentores do saber científico na escola, questões essas que foram objeto de intensas discussões nas reuniões de HTPC na escola (horário de trabalho pedagógico). Considera-se, portanto, a partir desses dados coletados na escola, que as práticas pedagógicas, assim como as falas do professores sobre essas práticas, tem sido marcadas por visões ingênuas e naturalizantes acerca das crianças, limitando muitas vezes à compreensão do processo de desenvolvimento dos alunos a questões e aspectos biológicos, genéticos ou decorrentes de patologias, dificuldades de desenvolvimento e maturação, visões bastante ideológicas acerca do processo de desenvolvimento humano, do sistema educacional e da sociedade como um todo. Identifica-se também, na maioria das vezes, que tais visões apresentam-se bastante simplistas e reducionistas, pouco favorecendo uma compreensão mais ampla acerca da criança e seus processos de desenvolvimento a partir da educação escolar. Concluindo, pode-se constatar o quanto às compreensões cotidianas e de senso comum permeiam a vida e as ações dos professores de Educação Infantil e afirma-se o quanto tais visões precisam ser superadas. Considerando os dados coletados e as experiências provenientes da pesquisa, sobretudo a partir da relação direta com os sujeitos na escola, defende-se a construção de um trabalho educativo de caráter crítico, acreditando que isso é possível, sobretudo se a pesquisa (a universidade) não se distanciar da escola e, para a consolidação desse processo, os professores necessitam se apropriar de teorias críticas acerca da questão educacional e do desenvolvimento humano e superar visões de senso comum presentes na educação infantil.

Nesse sentido, as pesquisas respaldadas pelas ciências humanas e sociais e respaldadas pelo método do materialismo histórico dialético se fazem imprescindíveis nas escolas. É importante enfatizar que nesse trabalho de pesquisa, defende-se e valoriza-se a escola numa perspectiva crítica, sobretudo da escola pública, considerando a instituição escolar como espaço de pleno desenvolvimento humano, pois somente a partir de um trabalho educativo que garanta a socialização, transmissão e apropriação do saber é que se humanizará os homens. Enfim, fazer educação infantil é fazer a construção e formação humana pela via do conhecimento, da ciência, da filosofia, sem desprezar as experiências particulares dos professores e seus respectivos valores, mas, sobretudo, é fazer educação com respaldo na ciência, nas artes, na ética, na política, dentre outras objetivações humanas de caráter genérico, que possibilitam ao professor uma formação universal e, conseqüentemente, lhe possibilita a construção de uma prática pedagógica de caráter genérico e universal, ou seja, voltada para a construção do sujeito humano-genérico, um sujeito plenamente desenvolvido e preparado para viver em sociedade compreendendo-a de forma consciente e preparado para agir conscientemente nessa própria sociedade visando sempre o seu desenvolvimento em prol do desenvolvimento da humanidade.

Palavras chaves: Educação infantil, Concepções de desenvolvimento humano e educação, Perspectiva histórico-cultural

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARCE, A.; MARTINS, L. M. (Org.). **Quem tem medo de ensinar na educação infantil** – em defesa do ato de ensinar. Campinas: Alínea, 2007.

CHAUÍ, M. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

LEONTIEV, A. N. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa / Portugal: Horizonte universitário, 1978.

MELLO, S. A. O processo de aquisição da escrita na educação infantil: contribuições Vygotsky. In: FARIA, A. L. G. e MELLO, S. A. **Linguagens infantis: outras formas de leitura**. Campinas, SP: Autores associados.

OLIVEIRA, B. **O trabalho educativo**: reflexões sobre paradigmas e problemas do pensamento pedagógico brasileiro. Campinas: Autores Associados, 1996.

OLIVEIRA, B.; DUARTE, N. **Socialização do saber escolar**. São Paulo: Cortez e Autores Associados, 1987.

PIMENTA, S.G. Docência no Ensino Superior. São Paulo:Cortez, 2005.

SAVIANI, D. **Educação**: do senso comum à consciência filosófica. 13ª ed. Campinas / São Paulo: Autores Associados, 2000.

MÁRCIO LUIZ BRAGHIM. Telefone profissional: 18 9726 7709 – FCT –UNESP; Endereço Profissional: Rua Roberto Simonsen nº 305 CEP 19060 – 900; e-mail para contato: braghim_ml@hotmail.com.